

COPIA.

A conferência do prof. Reale focaliza, explicitamente, o problema do humanismo como se se tratasse de um problema académico apropriado para a elaboração de monografias e teses. Implicitamente, no entanto, o prof. Reale deixou-se arrastar pelo tema, tomou partido, empenhou-se vivencialmente. O humanismo como desafio existencial, como exigência de uma decisão a ser tomada por cada um de nós aqui e agora, este era o tema implícito na conferência que estamos discutindo. O prof. Reale empenhou-se em prol do humanismo, e o fez tácitamente, como se isto fosse a coisa mais óbvia deste mundo. Proponho, e que seja apenas a título precário, a defesa de um empenho contrário, e tomarei como pretexto Galilei, como o fez o prof. Reale.

Não sei como definir positivamente o humanismo, porque tantas definições se oferecem. Existe até uma Sociedade Humanista Internacional, que se diz descendente do humanismo renascentista e que, por sinal, procura contato com o IBF e me pediu que escrevesse um artigo sobre ela no Estado. Mas a definição negativa do humanismo é relativamente fácil. Humanismo é uma série de atitudes intelectuais e existenciais que resultam da perda de fé em significado transcendente da vida humana. Em outras palavras: humanismo é um conjunto de atitudes em face da morte definitiva. A morte definitiva torna absurda toda atividade humana. Humanismo é um conjunto de atitudes destinado a mascarar a absurdidade de toda atividade humana. Definido assim negativamente, é o humanismo uma inautenticidade, porque é uma recusa de resolver-se para a morte (sich dem Tode entschliessen).

Galilei desvia a atenção da morte para a natureza. Torna-se assim um dos iniciadores daquele discurso progressivo destinado a fazer esquecer a morte que se chama "ciência moderna". Neste sentido é obviamente humanista. Crê que o fascínio da natureza, que é um tipo de fascínio sensual, apagará da mente a angústia da morte. Crê que o discurso progressivo da ciência será uma espécie de Ersatz da imortalidade da alma. Galilei, como mostrou muito bem o prof. Reale, estará imortalizado em Newton. Mas há uma profunda ambivalência na atitude de Galilei ante a natureza. Essa ambivalência é consequência do cristianismo de Galilei, embora cristianismo alienado. Essa ambivalência se caracteriza pela antinomia empirismo-racionalismo. O fascínio sensual da natureza deverá resultar em empirismo. Mas o cristianismo fundamental do renascimento injeta na pesquisa da natureza uma dose de racionalismo. Assim será a ciência inaugurada por Galilei uma reencenação da contenda entre nominalistas e realistas, ambos no entanto sem fé no transcendente.

Galilei empresta do Islã o conceito da natureza como livro escrito por Deus. O que é, porque assim está escrito (maqtab). Os fenómenos naturais são algarismos e cifras que significam Deus e podem ser decifrados algebricamente. Estamos no mundo de Avicenna. Mas Galilei não está existencialmente interessado no significado transcendente das cifras. Quer o fascínio das cifras mesmas. A natureza é um livro de poesia concreta. Significa-se a si mesma. É um livro sem conteúdo. A ciência é uma leitura da natureza pelo prazer puro da leitura. O resultado da ciência não é a descoberta do encoberto, mas a manipulação algebrica e técnica das cifras que nada significam. Essa absurdidade da ciência como ontologia e epistemologia não é ainda evidente para Galilei, mas está se tornando óbvia atualmente.

A leitura da natureza como livro sem significado é uma pose. Se fosse tomada a sério, resultaria em empirismo puro, isto é em conhecimento subjetivo e indutivo. Mas como o empirismo renascentista é pose, Galilei e toda a ciência moderna procuram na natureza conhecimentos objetivos e dedutivos. Inventa pois Galilei dois truques, que serão o método científico doravante. Objetiviza a experiência imediata, tornando-a rigorosamente controlável. E transforma as generalizações induzidas das experiências em hipóteses a servirem de premissas para um raciocínio dedutivo, para a teoria. Destarte procura torcer o empirismo a resultar em conhecimento objetivo e necessário, isto é deduzido. Humo prova rá especulativamente, a ciência atual provará vivencialmente, o quanto é frustrada essa tentativa. O método é, por certo, pragmaticamente poderoso, já que consegue modificar o mundo dos fenómenos, ao transformar coisas em instrumentos. Mas epistemologicamente é dúbio, e existencialmente representa uma fuga da morte.

A conferência do prof. Reale era implicitamente subjetiva. Isto é: era sincera. Ao defender o humanismo de Galilei, já não participava mais da tradição humanista. O prof. Reale já não é mais moderno no sentido estrito do termo. O seu subjetivismo já é kierkegaardiano. E por isto que podemos discutir Galilei. A nossa geração já começa a superá-lo. Husserl, Heidegger e Wittgenstein já desmascaram a pose do humanismo. E por isto que Galilei representa novamente um "Entscheidungsmoment" que nos desafia.